



**UM CONTO DE DUAS EPIDEMIAS:
A DESATIVAÇÃO DO ATENDE II EM MEIO À COVID-19 NA CRACOLÂNDIA**

*A tale of two epidemics: the deactivation of ATENDE II in the middle of
covid-19 in Cracolândia*

Ygor Diego Delgado Alves

Pós-doutorando em Saúde Coletiva - Universidade Federal de São Paulo, Brasil.

Email: antropologiaygor@yahoo.com.br

Pedro Paulo Gomes Pereira

Professor da Universidade Federal de São Paulo, Brasil.

Email: pedropaulopereira@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.134-141, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Investigamos neste artigo como, no contexto da covid-19, as antigas representações negativas em torno de uma improvável epidemia do crack são reavivadas em um discurso de contaminação e perigo; que acabam por subscrever o abandono dos consumidores da droga à própria sorte. Valemo-nos, principalmente, de trabalhos acadêmicos e jornalísticos publicados sobre o período. Contextualizamos o desmantelamento do serviço ATENDE II no panorama fornecido pelas notícias midiáticas do período de epidemia da covid-19 e por artigos acadêmicos que tratam da epidemia do crack. Pudemos ver assim como a desativação do ATENDE II foi feita em meio a certo clima, promovido pela mídia, em que são retomados antigos espectros em torno da epidemia do crack, que teria por vetor uma espécie de monstro semimorto ou zumbi.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid-19. Cracolândia. ATENDE II. Mídia. Epidemia.

ABSTRACT:

We investigated in this article how, in the context of covid-19, the old negative representations around an unlikely crack epidemic are revived in a discourse of contamination and danger; who end up subscribing to the abandonment of drug users to their own devices. We use mainly academic and journalistic works published about the period. We contextualize the dismantling of the ATENDE II service in the panorama provided by the media news of the Covid-19 epidemic period and by academic articles that deal with the crack epidemic. We were able to see how the deactivation of ATENDE II was done amid a certain climate, promoted by the media, in which old spectra about the crack epidemic are resumed, which would have as a vector a kind of semi-dead monster or zombie.

KEYWORDS:

Covid-19. Cracolândia. ATENDE II. Media. Epidemic.



INTRODUÇÃO

Objeto de intervenções sucessivas das três esferas de governo relacionadas com as pessoas que fazem uso do crack nas imediações da região conhecida como Boca do Lixo, centro da cidade de São Paulo, a Cracolândia tem se mostrado resiliente às tentativas reiteradas de expulsão. Estas ações, que muitas vezes primaram pela violência e falta de planejamento, têm obtido efeitos em deslocar a cena de uso e em conformá-la, cada vez mais tão-somente, em local dedicado à convivência entre consumidores de álcool e crack. MacRae, Tavares e Nuñez (2013) nos mostram como, há anos, a Cracolândia é o local por excelência em que se fixa uma falsa epidemia e que, desde meados dos anos 90, nos assombra, através de diversos meios de comunicação, com sua associação à ideia de morte. MacRae, particularmente, aponta que: “Em relação a esse termo “epidemia do crack”, eu, enquanto antropólogo, fico com os dois pés atrás, porque o termo “epidemia” remete ao biológico, como se houvesse um vetor que a difundisse.” Ainda segundo os autores, é desde a década de 1980, durante o governo do direitista Ronald Reagan, que, nos EUA, o ambiente de pânico em torno dessa epidemia serviu de incentivo à guerra às drogas (MACRAE; TAVARES; NUÑEZ, 2013, p. 136).

Para Medeiros (2015) a ideia de uma epidemia do crack ajuda a demarcar o que a autora chama de “territórios crônicos na cidade”, reservados aos pobres, àqueles sem vínculo formal de trabalho ou familiar. Personificados por narrativas sobre monstros, marcados, sujos, queimados e magros, que testemunhariam o potencial destrutivo do crack em uma monstruosidade desmedida, quase desumana, que provoca asco e horror; além do mórbido “desafio do controle, domínio, da subordinação e até mesmo da sedução para destruir o monstro” (MEDEIROS, 2015, p. 214).

A precocidade nas preocupações expostas na mídia com relação à Cracolândia, no contexto da epidemia da covid-19, pode ser ainda melhor compreendida no conjunto mais amplo do desmonte da rede de atendimento a usuários de crack. Desde meados do ano 2019 a prefeitura do município de São Paulo (PMSP) vinha prometendo o encerramento das atividades do ATENDE II (Unidade de Atendimento Diário Emergencial), localizado bem próximo ao fluxo de usuários de crack. O período



objeto deste artigo, início de 2020, revela-se frutífero por permitir visualizar como o ATENDE II, pretensamente levado à frente em benefício de usuários de drogas, pôde ser encerrado mesmo em meio a uma emergência sanitária. Procuramos investigar, a partir de análise de notícias de imprensa, como, no contexto da covid-19, as antigas representações negativas em torno de uma improvável epidemia do crack são reavivadas em um discurso de contaminação e perigo, que acaba por subscrever o abandono dos frequentadores da Cracolândia à própria sorte.

O ATENDE II (UNIDADE DE ATENDIMENTO DIÁRIO EMERGENCIAL)

Segundo a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da PMSP, as unidades de Atendimento Diário Emergencial fazem parte do Programa Redenção e se dedicam ao atendimento multidisciplinar destinado ao acolhimento de pessoas em situação de rua e em uso de substâncias psicoativas, particularmente o álcool e o crack. Ainda segundo a SMADS, esse serviço potencializa a articulação da rede de Atenção Psicossocial, ao possibilitar efetivas alternativas de enfrentamento do consumo problemático de drogas. Atualmente são três unidades, e uma delas, o ATENDE II, está instalada na região designada pelos poderes municipal e estadual como Nova Luz (Cracolândia).

Em agosto de 2019, o governo estadual deu início às obras, na Cracolândia, do hospital Pérola Byington. O aumento de repressão policial fez com que o fluxo de consumidores voltasse, depois de dois anos, a se concentrar na Alameda Dino Bueno esquina com rua Helvetia, com a presença de barracas e em frente ao ATENDE II. Antes de ser desmontado, a situação desse serviço se deteriorou a ponto de o equipamento ser utilizado como depósito de drogas pelo tráfico. Os funcionários, segundo reportagem de Santos e Paulo (2020), se consideravam reféns dos traficantes, enquanto trabalhavam diariamente no pequeno prédio que outrora havia sido sede do programa De Braços Abertos, tão duramente criticado pela mídia à época de sua existência (ALVES, 2017; ALVES; PEREIRA, 2019). Em 8 de abril de 2020, quando a epidemia da covid-19 havia matado 371 pessoas no estado de São Paulo, a PMSP promoveu a retirada das pessoas acolhidas no ATENDE II em um ônibus lotado; e, se-

gundo Paiva Paulo (2020), jornalista do site *G1 SP*, sem o uso de máscaras ou qualquer tipo de proteção, com destino a outro equipamento localizado no bairro do Glicério, a cerca de 3 km do local. O fato daria por encerrado o serviço, o que só não se deu de forma definitiva por ação da Justiça. Devemos retornar alguns dias no tempo para ver como essa desativação pôde ocorrer, e da maneira que ocorreu.

“CRACOLÂNDIA LOTADA GERA PREOCUPAÇÃO EM MEIO À PANDEMIA DE CORONAVÍRUS”

O título dessa seção é a chamada para uma matéria exibida no dia 20 de março de 2020, no programa televisivo *Cidade Alerta Record* (2020). É uma notícia relativamente precoce nas preocupações da Cidade de São Paulo e do Estado de São Paulo com relação à epidemia que se instalava. Ainda mais se considerarmos que as aulas na rede pública municipal e estadual só seriam interrompidas, por conta do risco de contaminação pela covid-19, três dias depois, em 23 de março. A descrição dessa matéria jornalística na página do YouTube traz algumas indicações sobre os motivos que animam a escolha dessa pauta específica: “O helicóptero da Record TV flagrou, na tarde desta sexta-feira (20), a região da Cracolândia, na região central de São Paulo, repleta de usuários de drogas em contato constante, o que gera preocupação em meio ao avanço da contaminação”. São 13 minutos e 32 segundos de imagens aéreas que mostram, em tom de denúncia e alarme, o fluxo de usuários de crack no fim de uma tarde de sexta-feira. Alguns pontos poderiam ser brevemente analisados nessa chamada: 1) o fato de ter sido baseada em imagens aéreas; 2) as ideias de contato e contaminação. Sabemos que os frequentadores da Cracolândia paulistana são avessos à produção de imagens no local, fato bastante razoável dada a ilegalidade e o estigma (ADORNO et al., 2013) que ronda o consumo do crack e o próprio território. Em segundo lugar cabe observar como as ideias de contato e contaminação dialogam com antigos temores em torno de uma há muito desmentida epidemia do crack.

A mensagem que se procura transmitir com a matéria jornalística é muito clara, tanto que, logo em seu início, aos 24 segundos de exibição, após observar que a Cracolândia estava “lotada no meio da pandemia do coronavírus”, o apresentador faz o que parece ser um gravíssimo alerta: “São pessoas que podem levar o vírus para



tudo quanto é lado”. É como se o caráter gregário do consumo do crack no centro de São Paulo pudesse fundir as duas epidemias: do crack e da covid-19. Alguns segundos depois, após caracterizar as pessoas e lançar o aviso de perigo, o apresentador cobra “se existe algum plano a ser feito com essa gente”. Veríamos nos dias que se sucederam que essa cobrança teria resposta e que o encerramento das atividades do ATENDE II se somaria a isso.

UM CONTO DE DUAS EPIDEMIAS

Após a cobrança por medidas do poder público feita precocemente, dentro das preocupações da cidade com a covid-19, com relação à possibilidade de contágio urbano a partir de uma população específica, os usuários de crack, uma maquinaria de controle, domínio e subordinação (MEDEIROS, 2015) seria colocada em movimento para deter o perigoso vetor (MACRAE; TAVARES; NUÑEZ, 2013). As matérias se sucedem em diversos veículos de mídia, nos dias que se seguiram. Ao terminar o mês de março, no dia 31, trabalho jornalístico da Rede Globo, novamente com imagens de helicóptero, ressalta que os consumidores de crack estão aglomerados “trocando cachimbos” e sem “nenhuma preocupação com o contágio pelo coronavírus” (G1, 2020).

Ao temor da contaminação se acresce o medo de “ondas de violência na região central” provocadas pelos frequentadores da Cracolândia, notícias falsas que provocam atentados contra a vida dos usuários de crack, como o caso de um motorista de táxi que atropela propositalmente duas pessoas em frente a uma missão religiosa que atende os consumidores da droga. O missionário João Boca se pergunta: “Esse atropelamento de ontem me deu medo, porque está todo mundo no mesmo barco, rico e pobre, e agora o rico mata o pobre?” (ARAÚJO, 2020).

No dia 8 de abril, na mesma data em que houve a desativação do ATENDE II, é registrada a primeira morte suspeita de covid-19 na Cracolândia. No dia 23 do mesmo mês, em Lemes (2020), é feita uma denúncia sobre os ataques com bombas de gás lacrimogêneo da Polícia Militar contra os frequentadores do lugar, durante a distribuição de comida, que comumente é realizada por algumas organizações da so-



cidade civil, na hora do almoço. As notícias sobre aglomerações na Cracolândia vão num crescendo, acompanhando o noticiário sobre a covid-19, até que em 13 de maio, em nome do combate à “disseminação de coronavírus”, o Ministério Público de São Paulo pede à prefeitura e ao governo estadual para esvaziar a Cracolândia, levando a guerra às drogas ao estatuto de solução final. Pedido negado pela Justiça no dia seguinte (BALANÇO GERAL, 2020).

Pudemos ver assim como a desativação do ATENDE II, fato gravíssimo que deixa os consumidores de crack à própria sorte, abandonados em um “território crônico” (MEDEIROS, 2015), foi feita em meio a certo clima, promovido pela mídia, em que são retomados antigos espectros em torno da epidemia do crack. Uma falsa condição de contágio em massa de pessoas pelo vício numa droga mortal, e que teria por vetor (MACRAE; TAVARES; NUÑEZ, 2013) uma espécie de monstro semimorto ou zumbi (ALVES, 2017). Trata-se de destruir o monstro e impedir que um novo espectro ronde a cidade, o espectro do craqueiro contaminado.



REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens Camargo Ferreira et al. Etnografia da cracolândia: notas sobre uma pesquisa em território urbano. **Saúde & Transformação Social**, v. 4, n. 2, p. 04-13, 2013.

ALVES, Ygor. **Jamais fomos zumbis**: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo. SciELO-EDUFBA, 2017. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/x89sf> . Acesso em: 18 set. 2020.

ALVES, Ygor; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Sob fogo cruzado**: antecedentes, construção e desmonte do programa De Braços Abertos na Cracolândia paulistana. Salvador: EDUFBA, 2019.

ARAÚJO, Peu. Boatos sobre assaltos geram ataques a quem vive na cracolândia, diz pastor. **UOL**, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/04/01/covid-19-boatos-sobre-saques-provocam-violencia-na-cracolandia-diz-pastor.htm> . Acesso em: 14 maio 2020.

BALANÇO GERAL. Justiça nega pedido do Ministério Público para esvaziar a Cracolândia em SP. **Youtube**, 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hom6YPYH3yQ> . Acesso em: 14 maio 2020.

CIDADE ALERTA RECORD. Cracolândia lotada gera preocupação em meio à pandemia de coronavírus. **Youtube**, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KYqohwAQHWE> . Acesso em: 11 maio 2020.

G1. Coronavírus não muda rotina nas cracolândias. **Globo.com**, 31 mar. 2020. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/videos/v/coronavirus-nao-muda-rotina-nas-cracolandias/8446857/> . Acesso em: 14 maio 2020.

LEMES, Conceição. Morador: “Contra o coronavírus, aqui na Cracolândia, é bomba, muito bomba!”. **VIOMUNDO**, 24 ABR. 2020. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/denuncias/morador-contra-o-coronavirus-aqui-na-cracolandia-e-bomba-muito-bomba-video.html> . Acesso em: 14 maio 2020.

MACRAE, Edward.; TAVARES, Luiz Alberto; NUÑEZ, Maria Eugênia. (Org). **Crack**: contextos, padrões e propósitos de uso. Salvador: EDUFBA, 2013, 320p.

MEDEIROS, Regina. A epidemia do crack a quem interessa. SUDBRACK, Maria Fátima Olivier et al. **ABRAMD**: compartilhando saberes. Volume 1. Brasília: Technopolitik, 2015, p.208-224.

PAIVA PAULO, Paula. Prefeitura de SP fecha serviço de atendimento social na Cracolândia e transfere acolhidos para novo espaço em ônibus lotado. **G1 SP**. 8 abril 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/08/prefeitura-de-sp-fecha-servico-de-atendimento-social-na-cracolandia-e-transfere-acolhidos-para-novo-espaco-em-onibus-lotado.ghtml>. Acesso em: 12 maio 2020.

Recebido em: 15/05/2020.

Aprovado para publicação em: 12/09/2020.

